

CARACTERIZAÇÃO DE ASPECTOS DO OÍDIO PARA A CULTURA DA SOJA



Carolina Colin 8565203
José Mucare Neto 9818676
Leonardo Langoni 9326330
Leonardo Trento 9818662

INTRODUÇÃO

Até o ano de 1996, os danos causados pelo Oídio eram considerados pouco expressivos, contudo em meados de 1997, o patógeno conseguiu disseminar-se na cultura da Soja (*Glycine max*) de maneira considerável. A partir daí, a doença passou a atingir todas as regiões produtoras no país e provocando perdas de aproximadamente 35% da produtividade da cultura (Gazzoni e Yorinori, 1995).



Fonte: <http://www.coagru.com.br/informe/todos/13/cuidados-iniciais-na-cultura-da-soja>

Causada pelo fungo, *Microsphaera diffusa*, a doença pode atingir várias espécies de plantas leguminosas. No caso da soja, infecta diversas estruturas, como o pecíolo, vagem, haste e principalmente as folhas (Yorinori et al., 1993).



Fonte: <https://blog.agromove.com.br/cultura-soja-importancia-na-atuabilidade/>

ETIOLOGIA

O fungo é considerado um fungo imperfeito ou um deuteromiceto. Dissemina-se através dos conídios cilíndricos, ovais ou elipsoides, sendo simples, hialinos e unicelulares. São produzidos a partir de conidióforos incolores, curtos, simples, eretos e septados



Já em sua forma perfeita esse fungo pertence à classe dos Ascomicetos com estrutura esféricas chamadas de cleistotécios, com coloração escurecidas, possuem apêndices não ramificados. Também apresentam ascas oblongas que contém de três a oito ascósporos para disseminação (Zaumeyer e Thomas, 1957; Walker, 1959).



Fonte: <https://fitopatologia1.blogspot.com/2010/07/oidio-oidium-sp-incidente-em-folhas-de.html>



Fonte: https://elevagro.com/busca/?busca=oidio&categoria_slug=foto&cultura_nome=soja

CONDIÇÕES IDEAIS PARA DESENVOLVIMENTO

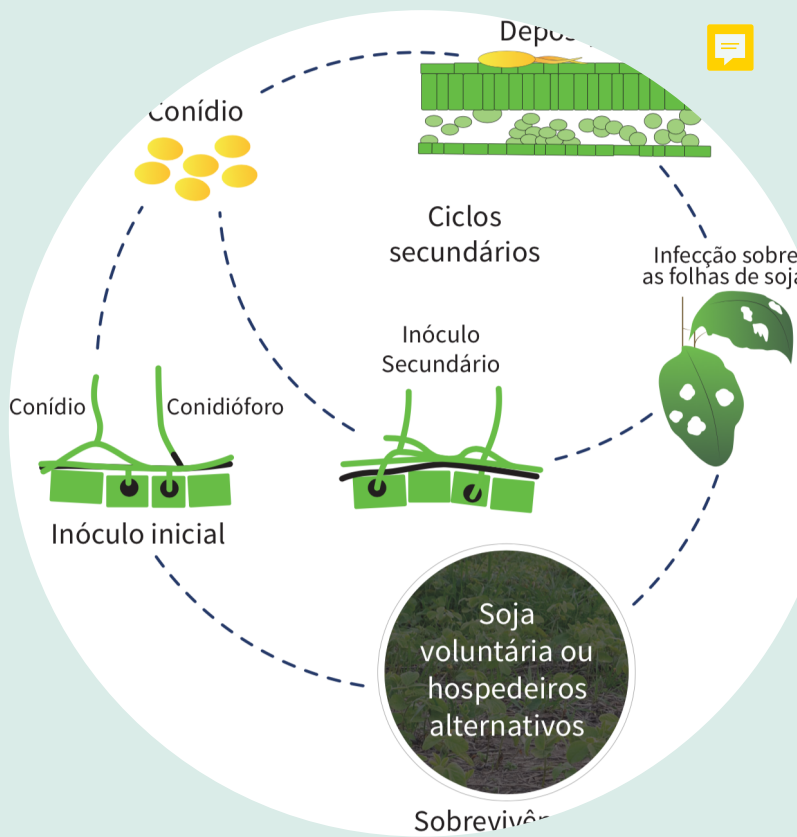
O oídio da soja consegue sobreviver em restos culturais dos cultivos, tornando difícil sua erradicação. O seu ciclo é policíclico, ou seja, dura 7 dias, período ideal para que ocorram novas infecções. Sua disseminação pode ser ocasionada por ventos à longas distâncias e sua distribuição ocorre de forma generalizada na área. Qualquer estágio fenológico pode ser propício para o desenvolvimento do fungo, contudo as condições consideradas ideais norteiam as temperaturas de 18°C a 24°C baixa umidade relativa do ar (PICININI e FERNANDES, 2003.)



Fonte: <https://maissoja.com.br/>

SINTOMAS

Como citado, o patógeno consegue atacar mais de uma estrutura ou tecido vegetal, podendo infectar toda a parte aérea da planta. Estruturas do fungo podem ser observadas na medida que o micélio e os esporos pulverulentos formam uma camada superficial esbranquiçada. Em seguida ocorre uma coloração marrom-acinzentada que pode evoluir para seca e posterior queda prematura de folhas. (HENNING et al., 2005).



Fonte: <https://www.agro.bayer.com.br/alvos/oidio#tab-3>

CONTROLE

O método de controle mais recomendado é a utilização de cultivares resistentes em conjunto com um manejo integrado de doenças. O controle químico não é visto como prioridade mas pode vir a ser necessário.

Optando-se pelo controle químico, a aplicação deve ocorrer quando o nível de infecção for entre 40% e 50% da área foliar. Tratamentos muito precoces podem provocar danos econômicos e muito tardios promovem baixo controle do patógeno. Além disso se esses níveis de infecção não ocorrerem até as plantas atingirem o ciclo completo de enchimento de vagens a aplicação de fungicida deve ser dispensada.

Alguns dos fungicidas recomendados para o controle do oídio são o benomil, dose de 250 gramas por hectare, b. carbendazim, 250 gramas por hectare e difeconazole com dosagem de 75 gramas por hectare (Yorinori, 1997).

REFERÊNCIAS

GAZZONI, D.L.; YORINORI, J.T. **Manual de identificação de pragas e de doenças da soja**. Brasília: EMBRAPA-SPI, 1995. 128 p. (Manual de Identificação de Pragas e Doenças, 1).

HENNING, A. A.; ALMEIDA, A. M. R.; GODOY, C. V.; SEIXAS, C. D. S.; YORINORI, J. T.; COSTAMILAN, L. M.; FERREIRA, L. P.; MEYER, M. C.; SOAREAS, R. M.; DIAS, W. P.; **Manual de Identificação de Doenças da Soja**, Londrina - PR, 2005.

PICININI, E. C.; FERNANDES, J. M.; **Doenças de Soja: Diagnóstico, epidemiologia e controle**. 3ª edição, Passo Fundo – RS, 2003. WALKER, J.c. **Enfermedades de las hortalizas**. Barcelona: Salvat, 1959. 624p.

YORINORI, J.T.; CHARCHAR, M. J. D'AVILA; NASSER, L.C.B.; HENNING, A.A. **Doenças da soja e seu controle**. In: ARANTES, N.E.; SOUZA, P.I.M de. **Cultura do Soja nos Cerrados**, Piracicaba: POTAFOS, 1993. p.337-397.

YORINORI, J.T. **Doenças da soja no Brasil**. In: FUNDAÇÃO CARGILL. **Soja no Brasil Central**. 3. ed. Campinas, 1986. p.301-363.

ZAUMEYER, W.J.; THOMAS, H.R. **A monographic study of bean diseases and methods for their control**. Washington: USDA, 1957. 255p. (USDA. Technical Bulletin, 868).